O "FASCISMO CORDIAL" DE GUSTAVO BARROSO

Marcelo Alves de Paula Lima[*]

RESUMO

Segundo Sérgio Buarque de Holanda, o homem cordial é aquele que confunde as virtudes do mundo privado com aquelas do mundo público, deixando-se levar pela afetividade na hora de tomar decisões políticas. Esse homem cordial se via, nos anos 1930, amedrontado diante do desenvolvimento capitalista no Brasil, que trazia consigo a dissolução dos laços familiares e o primado da impessoalidade. Os escritos integralistas de Gustavo Barrososão permeados por essa cordialidade que vemos em *Raízes do Brasil*. Ao defender os valores familiares diante das ameaças comunista e capitalista, e ao propor que o Estado deveria ser uma expressão das famílias, Barroso foi um dos exemplos do que Sérgio Buarque de Holanda quis dizer ao afirmar que, no Brasil, a família moldava as demais esferas da vida.

PALAVRAS-CHAVE: integralismo, Gustavo Barroso, cordialidade, família, Sérgio Buarque de Holanda.

ABSTRACT

According to SérgioBuarque de Holanda, the cordial man is the one who mixes the private and the public virtues, thus being influenced by the affection when he has to take political decisions. During the 1930es, such cordial man saw himself frightened in face of the capitalist development in Brazil, which brought along the dissolution of the family ties and the primacy of the impersonality. The integralist texts by Gustavo Barroso are permeated by this cordiality shown in *Raízes do Brasil*. As he defended the family values against the communist and capitalist threats, and as he proposed a State that should express the will of the families, Barroso was one of the examples of what SérgioBuarque de Holanda meant when he wrote that, in Brazil, the family modeled other spheres of life.

KEYWORDS: integralism, Gustavo Barroso, cordiality, family, Sérgio Buarque de Holanda.

[*] Bacharel em história pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: marceloapl@yahoo.com.br.

1. Introdução

O objetivo deste trabalho é compreender até que ponto o integralismo de Gustavo Barroso expressou os anseios e angústias do homem cordial de que nos fala Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*. Optamos por essa abordagem do pensamento de Gustavo Barroso porque, após analisar os escritos integralistas do autor, constatamos que muitas das suas ideias dialogavam com a cordialidade que Sérgio Buarque de Holanda atribui ao homem brasileiro. Entre os pontos de contato encontrados, observamos a defesa do Estado como uma projeção do ambiente familiar, o clamor pela solidariedade entre as diversas nacionalidades e a rejeição de exclusivismos raciais (a despeito de um declarado antissemitismo e de uma profunda admiração pelo nacional-socialismo alemão). Logo,o caráter cordial do homem brasileiro teria sido tão forte que até o fascismo brasileiro acabaria sendo marcado por ele. Ointegralismo de Gustavo Barroso ter-se-ia expressado como um "fascismo cordial", contrastando com a agressividade dos fascismos europeus.

A fim de estabelecer esses diálogos, fizemos uma leitura atenta das obras integralistas de Gustavo Barroso, escritas nos anos 1930, selecionando os trechos mais pertinentes e analisando seus pontos de contato com o homem cordial. Tal análise foi amparada por fontes secundárias sobre o integralismo, sobre o fascismo e sobre o Brasil dos anos 1920 e 1930.Esperamos, com esse trabalho, contribuir para pesquisas que adotem uma perspectiva comparativa entre o integralismo e os fascismos europeus, bem como para pesquisas mais abrangentes, que se preocupem em analisar a cordialidade nos escritos de outros importantes ideólogos integralistas, como Plínio Salgado e Miguel Reale.Por fim, tentaremos endossar aquilo que já vem sendo defendido por outros autores: a especificidade da doutrina integralista, que não pode ser tomada como mero mimetismo de manifestações europeias. Julgamos que a cordialidade foi um desses traços diferenciadores do integralismo brasileiro.

Não poderíamos seguir adiante sem uma reflexão mais atenta acerca da pertinência em se atribuir ao integralismo a alcunha de "fascismo". Segundo Jeffrey Herf,o nacional-socialismo alemão era alimentado pelo "romantismo de aço" de Joseph Goebbels, que, longe de propor a fuga para o campo, exortava os alemães a lançarem-se corajosamente ao futuro e a encarar de frente os problemas trazidos pela modernidade. Segundo Goebbels, o "romantismo de aço" era muito mais dinâmico e ativo do que o "bucolismo *völkisch*" do

romantismo tradicional.[1] José Chasin, em um livro que representou um marco na historiografia sobre as ideias integralistas, parece endossar essa visão, sugerindo que o integralismo seria mais afeito a esse "bucolismo *völkisch*".Logo, o nacional-socialismo e o fascismo italiano eram fenômenos de países de capitalismo tardio que queriam se expandir econômica e militarmente, ao passo que o integralismo era, para usar a expressão de Chasin, uma "forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio",[2] que propunha o retorno ao campo e a restauração da ordem agrário-exportadora. Se os fascismos italiano e alemão eram produtos do capitalismo tardio e expressavam o objetivo de acelerar o desenvolvimento industrial e a acumulação de capital em países que haviam chegado atrasados à corrida imperialista, o integralismo brasileiro era uma manifestação refratária ao desenvolvimento capitalista e à acumulação de capital, além de não possuir pretensões imperialistas. O integralismo, segundo Chasin, valorizava o rural em detrimento do urbano, propondo uma "ruralização" da cidade e o retorno ao campo, onde residiriam as raízes da brasilidade.[3]

Chasin, no entanto, se concentra no integralismo de Plínio Salgado, ressaltando que, em cartas pessoais, o fundador da AIB insistia na originalidade do integralismo, alegando que sua passagem pela Itália e sua entrevista com Mussolini haviam apenas coincidido com o momento no qual ele tomara a decisão de fundar uma nova doutrina.[4] Em se tratando de Gustavo Barroso, essa identificação entre o integralismo e os fascismos europeus era explícita, por mais que o autor sempre fizesse questão de ressaltar que cada uma dessas doutrinas consultava a realidade de seus respectivos países.[5]

Por mais que o integralismo guardasse diferenças significativas com os fascismos, preferimos pensar tais diferenças muito mais como variações dentro do fascismo do que como algo distinto. Robert Paxton, por exemplo, rejeita uma utilização restrita do termo "fascismo", alegando que se faz necessário um termo genérico que dê conta da mais importante novidade do século XX: um movimento popular contra a esquerda e contra o individualismo liberal. Essa grande "novidade" do século XX se torna tanto mais importante quanto mais

[1] HERF. Jeffrey. *O modernismo reacionário*(tecnologia, cultura e politica em Weimar e no Terceiro Reich). São Paulo: Ensaio, Unicamp, 1993. P. 61, 218.
[2] Ver: CHASIN, José. *O integralismo de Plinio Salgado* (forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio). 2ª edição. Belo Horizonte: Una Editoria; São Paulo: Estudos e Edições Ad Hominem, 1999. 640 p.
[3] CHASIN, José, citado por RAGO FILHO, Antônio. A crítica romântica da miséria brasileira: o integralismo de Gustavo Barroso. Tese de mestrado. São Paulo, PUC, 1989. P. 16, 222.
[4] CHASIN, José. Ob. Cit. P. 89, 90, 91.
[5] "Alguns escrevinhadores imbecis, sem cultura para entender nossa missão e nosso raciocínio, a cada passo nos chamam de imitadores do fascismo ou plagiadores do hitlerismo. Não somos imitadores e plagiadores dum ou doutro, como não o é o grande movimento dos camisas azuis que Mosley desencadeia na velha Inglaterra. Somos simplesmente ramos da mesma árvore, filhos da mesma doutrina, resultados da mesma concepção totalitária do universo". BARROSO, Gustavo. O integralismo em marcha. Rio de Janeiro: Schmidt, 1933. P. 89.

percebemos que, com a emergência do fascismo, "a esquerda deixava de ser o único recurso para os ofendidos e para aqueles inebriados por sonhos de mudança". Além disso, da mesma forma que a diversidade de experiências liberais e comunistas não invalida os termos "liberalismo" e "comunismo", a diversidade de experiências fascistas também não deve desqualificar o termo "fascismo".[6] Sendo assim, o conceito de fascismo é tão carregado de ambiguidades e perigos quanto muitos outros conceitos políticos. Não obstante, tais dificuldades devem servir muito mais como um incentivo para que utilizemos esse conceito com mais cuidado do que como uma justificativa para que o abandonemos.

Felipe Azevedo Cazetta, por sua vez, afirma que o ponto fundamental da diferença entre o integralismo e os fascismos residia na religião, já que era na religião que Plínio Salgado encontrava os fundamentos da revolução proposta pela AIB, e era por meio do apelo à figura divina que o integralismo conclamava à luta contra o liberalismo e o comunismo. Por outro lado, o fascismo italiano e o nacional-socialismo alemão chamavam ao combate baseando-se muito mais na nação e na raça, ficando a religião, no máximo, em uma posição subalterna.[7] Não achamos, porém, que esse fator seja um diferencial do integralismo frente aos fascismos europeus. Devemos ter em mente que o fascismo italiano e o nacional-socialismo alemão foram os casos mais bem-sucedidos de fascismo no mundo, mas não foram os únicos. Sendo assim, dizer que o integralismo não foi uma forma de fascismo porque diferia das doutrinas de Hitler e Mussolini no aspecto religioso implicaria em negar a alcunha de "fascistas" a diversas manifestações na Europa que certamente a mereciam. O integralismo foi apenas uma outra forma de fascismo, distinta, em vários pontos, do nacional-socialismo alemão e do fascismo italiano, mas próxima de outros fascismos. É por isso que concordamos com Hélgio Trindade quando ele diz:

> Na sociedade integralista, harmonia e hierarquia são indissociáveis. Em consequência, o fundamento espiritualista da ideologia integralista inspira-se na concepção tradicional da doutrina social católica. Neste aspecto doutrinário o integralismo aproxima-se muito mais dos fascismos conservadores – o português (Salazarismo), o espanhol (Falange Espanhola) e o belga (Rexismo) – que do espiritualismo vago do fascismo italiano ou do agnosticismo nacional-socialista alemão.[8]

Na mesma linha, Jorge Zaverucha escreve:

---

[6] PAXTON, Robert O. *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007. P. 42, 46.

[7] CAZETTA, Felipe Azevedo. Integralismo e fascismos: exposições entre diferenças e semelhanças. In: *Temporalidades* (Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG). Belo Horizonte, volume2, Nº 1, p. 114, 118, jan/jul, 2010.

[8] TRINDADE, Hélgio. *Integralismo* (o fascismo brasileiro na década de 30). São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1974. P. 209.

> Se existe um traço que destaca eminentemente o Integralismo, trata-se do espiritualismo. Se os fascismos em geral, queriam a separação da Igreja/Estado, o Integralismo aproximou-se nesse ponto do fascismo romeno (que se aliava à tradicional Igreja Grega Ortodoxa), e aos fascismos conservadores – português (salazarismo), espanhol (falangismo) e ao belga (rexismo) – muito mais do que do vago espiritualismo italiano ou do agnosticismo nacional-socialista germânico.[9]

A julgar pelo que Eugen Weber escreve, o fascismo na Romênia se aproximava do integralismo não só quanto a seu conteúdo religioso, mas também em sua proposta de retorno ao campo (elemento que Chasin tanto destacou no integralismo). A Legião do Arcanjo Miguel, fundada por CornelioCodreanu em 1927, fazia marchas e pregações cada vez mais frequentes no meio rural, onde era mais popular. Nessas marchas, falava-se de Deus, estimulava-se o trabalho e a vida austera e anunciava-se a proximidade do Juízo Final.[10]

Se admitimos que o integralismo não foi um fascismo por causa desse maior apelo religioso, poderemos chegar ao paroxismo de admitir que o nacional-socialismo alemão também não era uma doutrina fascista, haja vista que uma gama de fatores o diferenciava do fascismo italiano (especialmente aqueles de ordem racial). Aqui as palavras de Paxton são providenciais: “Os temas que atraem os fascistas de uma tradição cultural podem parecer simplesmente tolos a uma outra”. Por exemplo,“Os enevoados mitos nórdicos que emocionavam noruegueses e alemães soavam ridículos na Itália, onde o fascismo recorria principalmente a uma *romanità* ensolarada”.[11] Assim, ao invés de usar as experiências alemã e italiana como parâmetros para definir o que pode ou não ser chamado de fascismo, achamos mais produtivo explorar a diversidade de experiências que o fascismo engendrou. Para tanto, é fundamental entender como o fascismo foi moldado pela realidade de cada país no qual ganhou adeptos. Em um país tradicionalmente católico como o Brasil, que passava, segundo Hélgio Trindade, por uma renovação espiritual com autores como Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima,[12] o fascismo naturalmente assumiria um teor religioso mais forte.

Frequentemente recorre-se às críticas que os próprios integralistas faziam ao nacional-socialismo e ao fascismo italiano como forma de provar a especificidade do integralismo frente ao fascismo.[13] O fato de fascistas de um país criticarem fascistas de outro país, porém, não nos autoriza a concluir que um dos lados não é fascista. Divergências no interior de uma

---

[9] ZAVERUCHA, Jorge. A questão do integralismo diante da herança fascista. In: *Revista Ciência e Tópicos*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1984. P. 249.
[10] WEBER, Eugen. *Varieties of fascism* (doctrines of revolution in the twentieth century).Princeton: D. van Nostrand, 1964. P. 96-103.
[11] PAXTON, Robert O.. Ob. Cit. P. 76.
[12] TRINDADE, Hélgio. Ob. Cit. P. 37, 38.
[13] Para uma dessas críticas, ver: SALGADO, Plínio. Carta de natal e fim de ano. In: SALGADO, Plínio. *O integralismo perante a nação*. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1950. P. 52.

mesma doutrina são frequentes. Lembremo-nos, por exemplo, que no seio do bloco comunista tivemos rivalidades que quase redundaram em conflitos armados, a exemplo da dissidência sino-soviética dos anos 1960.

Ainda que as condições nas quais o integralismo e os fascismos europeus se desenvolveram tenham sido diferentes, muitas vezes as consequências produzidas por elas foram similares.Cazetta observa que, enquanto o Brasil dos anos 1920 e 1930 estava dando seus primeiros passos na industrialização, a Alemanha e a Itália já experimentavam um recrudescimento da cultura política operária. Esse maior nível de organização do operariado teria sido fundamental para o desenvolvimento do fascismo e do nacional-socialismo naqueles países.[14] Contudo, por mais que no Brasil o operariado estivesse desmobilizado e o comunismo tivesse remotas chances de tomar o poder,nem sempre os sujeitos históricos de então tinham essa percepção da realidade. Logo, "O medo de uma revolução comunista imaginada (...) bastava para mobilizar os conservadores tanto quanto uma revolução de fato o faria".[15]Eliana Dutra endossa esse ponto ao escrever sobre a importância que o discurso anticomunista tinha na configuração do cenário político brasileiro dos anos 1930. Segundo a autora, esse discurso seria marcado por basicamente três jogos de imagem: o jogo de sombra e luz – sendo o comunismo associado à escuridão; o jogo visível/invisível – sendo que o comunismo agiria sempre na clandestinidade, o que o tornaria ainda mais perigoso; e o jogo inteligência/incapacidade, o único que atribuía uma característica positiva aos comunistas (a inteligência e a sagacidade), mas com o mesmo propósito de alarmar a população.[16]Aliás, o fato de o Brasil não ter sido palco de uma agitação comunista significativa, enquanto em alguns países europeus essa agitação era notável, acabou servindo como incentivo adicional para se disseminar o medo do "perigo vermelho", pois forneceu exemplos concretos que mexiam ainda mais com o imaginário conservador do país. São recorrentes, nas obras integralistas, referências à União Soviética como exemplo daquilo que o Brasil poderia se tornar caso o perigo do bolchevismo não fosse afastado a tempo.[17]

Tem-se, portanto, no período entre guerras, um cenário de crise que era generalizado, se não em todo o mundo, pelo menos na Europa e no continente americano. A descrença no capitalismo liberal, o medo do comunismo, a busca do nacionalismo como uma terceira via e

---

[14] CAZETTA, Felipe Azevedo. Ob. Cit. P. 116, 117.
[15] PAXTON, Robert O.. Ob. Cit. P. 177.
[16] DUTRA, Eliana Regina de Freitas. *O ardil totalitário* (imaginário político no Brasil dos anos 30). Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ; Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1997. P. 55, 58, 62.
[17] "Apesar de mais longe [da Alemanha e da França], o Brasil, onde os judeus estão entrando livremente aos milhares, deve pôr as barbas de molho, enquanto é tempo...". BARROSO, Gustavo. *A palavra e o pensamento integralista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935. P. 87.

uma concepção espiritualista do universo se manifestaram em muitos desses países; o integralismo foi um dos movimentos que fez parte dessa tendência generalizada, da qual faziam parte também os fascismos europeus. É claro que essa tendência sofreu alterações em cada país no qual se manifestou, influenciada pelas condições sociais, econômicas e políticas locais. Sendo assim, o fascismo italiano, o nacional-socialismo alemão, o integralismo brasileiro, o nacional-socialismo holandês e tantos outros movimentos representaram respostas particulares a uma crise geral, o que, a nosso ver, nos permite enquadrar tais manifestações na alcunha comum de "fascismo", respeitadas sempre as particularidades em que cada uma dessas respostas se inseria. No caso do integralismo brasileiro e, em especial, do integralismo de Gustavo Barroso, essa particularidade foi a cordialidade, como buscaremos mostrar nesse artigo.

2. Gustavo Barroso

Gustavo Adolfo Dodt Luiz Guilherme da Cunha Barroso nasceu em Fortaleza, Ceará, no dia 29 de dezembro de 1888, filho deAntônio Filino Barroso e Ana Dodt Barroso, que era alemã. Apesar da ascendência materna, ele nunca se considerou um alemão, embora achasse que seu gosto pela rigidez e pela disciplina fizesse parte de sua herança germânica.[18]Já em 1908, torna-se redator do Jornal do Ceará, e três anos mais tarde se muda para o Rio de Janeiro para completar seu bacharelado em Direito. Na capital federal ele já era conhecido pelos diversos artigos publicados na imprensa com o pseudônimo de João do Norte. Em 1912, torna-se redator no Jornal do Comércio, e em 1914, de volta ao Ceará, torna-se Secretário do Estado do Interior e da Justiça, elegendo-se deputado federal em 1915. Em 1922, com o apoio do presidente Epitácio Pessoa, fundou o Museu Histórico Nacional (MHN), do qual foi diretor até morrer. Após trabalhar como secretário da embaixada na Conferência de Versalhes junto à delegação de Epitácio Pessoa, Barroso ingressa na Academia Brasileira de Letras. Em 1933, Barroso ingressa na Ação Integralista Brasileira, vindo a se tornar seu chefe de milícias.

Dessa maneira, o jurista cearense era uma das figuras de proa da AIB, estando abaixo apenas do chefe nacional, Plínio Salgado. Sujeito "alto de porte marcial, parecia ter nascido para comandante da milícia, a cujos desfiles assistia com olhos saudosos dos heróis que cultuara em suas pesquisas históricas",[19] Gustavo Barroso escrevia com paixão e entusiasmo,

---

18 CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. Gustavo Barroso, enfim, soldado da farda verde. *X Encontro Regional de História* (ANPUH – RJ): História e biografias. UERJ, 2002. P. 3, 4.
19 REALE, Miguel citado porRAGO FILHO, Antônio. Ob. Cit. P. 9.

expressando uma confiança incomum quanto ao triunfo dos ideais integralistas num futuro bem próximo. Um dos aspectos mais marcantes do integralismo de Gustavo Barroso era seu declarado antissemitismo. O autor acusava o judeu de ser um povo desenraizado, errante e incapaz de se fixar ao solo e constituir uma nação. O capitalismo e o comunismo, forças cosmopolitas e avessas à pátria, eram identificadas pelo autor como ardis judaicos para conquistar as nações e dominar o mundo.

3. O "homem cordial"

Raízes do Brasil, obra-prima de Sérgio Buarque de Holanda, foi publicada pela primeira vez no ano de 1936. O autor escrevia em um país que se modernizava, se urbanizava e se industrializava, desfazendo-se, aos poucos, de seu caráter exclusivamente agrário. Como mostraremos nesse trabalho, esse cenário de dissolução dos tradicionais laços rurais e de avanço do capitalismo e da urbanização gerou uma série de angústias e aflições que podem ser encontradas na produção integralista de Gustavo Barroso. Porém, detenhamo-nos primeiramente no estudo acerca do homem cordial. Sérgio Buarque de Holanda observa que, com a ascensão da ordem industrial e das relações capitalistas de produção, tornava-se cada vez mais difícil a sobrevivência da ordem familiar. As relações sociais baseadas em princípios abstratos e impessoais iam progressivamente substituindo os laços de afeto e sangue que durante muito tempo predominaram na sociedade brasileira. Mesmo as poucas famílias que ainda se baseavam nessa antiga ordem tendiam a desaparecer diante das novas condições.[20] Como fruto de tais circunstâncias, as principais funções políticas no Brasil teriam sido executadas por pessoas cuja capacidade de distinção entre o público e o privado era precária:

> Em terra onde não existia praticamente trabalho manual livre, em que uma classe média quase nula não tinha como impor sua influência, os indivíduos que iriam servir nas funções criadas com a nova ordem de coisas tinham de ser recrutados, por força, entre elementos da mesma massa dos antigos senhores rurais. Toda a estrutura administrativa, a pouco e pouco elaborada durante o Império, e depois já no regime republicano, comportava elementos estreitamente vinculados ao velho sistema doméstico, ainda em pleno viço, não só nas cidades como nas fazendas. Não era fácil aos detentores das posições públicas de responsabilidade, formados por tal ambiente, compreenderem a distinção fundamental entre os domínios do "privado" e do "oficial".[21]

[20] HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1936 (Coleção documentos brasileiros, 1). P. 96.
[21] Idem. P. 99-100.

Como consequência dessa "supremacia incontestável, absorvente, do núcleo familiar – a esfera, por excelência dos laços de sangue e de coração", vemos que, ao longo da história brasileira, "as relações que se criam na vida doméstica sempre forneceram o modelo obrigatório de qualquer composição social".[22] Portanto, o primado dos laços afetivos sobre as demais esferas da vida teria feito do brasileiro um povo no qual "A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade" se destacavam, podendo inclusive ser consideradas aspectos definidores do caráter nacional.[23]

Segundo Sérgio Buarque de Holanda, o homem cordial desconhece uma ética de convívio que não tenha fundo emocional, de modo que é apenas com extrema dificuldade que ele consegue manter uma reverência prolongada diante de um superior, preferindo trata-lo como seu semelhante, seu amigo ou seu familiar mais próximo. Esse "horror às distâncias" seria, para o autor, um dos traços principais dos brasileiros. Até mesmo nas esferas que se alimentam da competição e da rivalidade esse apelo sentimental se faria presente.[24]

A cordialidade é aquele padrão de comportamento que parte do coração, irrompe do íntimo, expressa valores típicos da esfera familiar, desconhecendo, portanto, a impessoalidade. O autor de *Raízes do Brasil* traça um quadro do Brasil no qual muitos aspectos do mundo rural e agrário permeariam a sociedade urbano-industrial. O uso de diminutivos, por exemplo, seria um traço típico da fala rural, na qual prevalece um tom amistoso e coloquial, que persistiria a despeito da urbanização, demonstrando um modo de vida plasmado pelo ambiente rural e patriarcal. A cordialidade seria indiferente e até oposta à urbanidade e à civilidade.[25] Tenhamos sempre em mente também que ela remete a condições específicas da vida rural e colonial brasileira na qual o homem cordial se moldou e que, segundo Sérgio Buarque de Holanda, iam sendo rapidamente superadas.

4. Gustavo Barroso: o "fascista cordial"

Dado o exposto até aqui, temos que o aspecto cordial do homem brasileiro é marcado pelo primado dos laços familiares e das relações de afeto em detrimento da impessoalidade, por uma confusão entre as virtudes do mundo público e as virtudes do mundo privado e pelo predomínio da "lhaneza no trato", da "hospitalidade" e da "generosidade" até mesmo em

---

22 Ibidem. P. 101.
23 Ibidem. P. 101.
24 Ibidem. P. 103, 105, 106, 107.
25 HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1948. (Coleção documentos brasileiros, 1). P. 213-214 (nota 1), 217-218 (nota 1).

esferas da vida que se alimentam da rivalidade e da competição. Além disso, ela expressava o predomínio dos valores do mundo rural sobre o mundo urbano.

No último capítulo de *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda sugere que até o fascismo brasileiro teria tido um caráter cordial, já que careceria daquela "truculência desabrida e exasperada, quase apocalíptica, que tanto colorido emprestou aos seus modelos da Itália e da Alemanha".[26]Enquanto na Europa o líder fascista era apresentado como "um homem diferente dos outros, um semideus, terminando na própria encarnação de Odin",[27] para usar palavras de Plínio Salgado, o chefe nacional integralista fazia uma figura bem mais simplória. Refletindo sobre os limites entre o "império de Cristo" e o "império de César", Plínio Salgado afirma que "jamais César poderá plasmar a consciência dos seus dirigidos, conforme os seus caprichos".[28] Além disso, à medida que o integralismo cresce, "o Chefe tem o cuidado de renovar sua renúncia, perante a massa de seus comandados", sendo a vontade livre desses comandados a responsável por constituir a suprema autoridade do partido.[29]

Vê-se, portanto, que até a relação entre o líder integralista e seus subordinados era marcada pelo "horror às distâncias" que Sérgio Buarque de Holanda aponta. Em seu estudo sobre o integralismo brasileiro, Hélgio Trindade, por mais que denuncie a mística criada em torno da figura de Plínio Salgado, reconhece as muitas fraquezas do líder da AIB. Enquanto na Alemanha nazista as dissidências redundavam em eventos violentos como a Noite dos Longos Punhais (1934), dentro da AIB tais desavenças tinham resultados bem menos severos. Um dos mais célebres eventos que evidenciaram tais dissidências se deu quando, ao fim de uma conferência, Gustavo Barroso afirmou que um chefe que não é fiel à sua doutrina corre o risco de perder a autoridade. Os aliados de Plínio Salgado interpretaram essa mensagem como uma crítica velada ao chefe.Dias depois, em uma manobra tática, Plínio Salgado renunciou formalmente à liderança da AIB por meio de um discurso. Porém, seus companheiros foram busca-lo para tentar convencê-lo a mudar de ideia, entre eles o próprio Barroso, que, aos prantos, pediu desculpas ao chefe e orientou-o a reconsiderar sua decisão. Com isso, Plínio Salgado volta atrás alegando ceder às "pressões" desses companheiros.[30]

---

26 HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*, 1936... P. 159.
27 SALGADO, Plínio. Carta de Natal e fim de ano. In: SALGADO, Plínio. *O integralismo perante a nação*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1950. P. 55.
28 Idem. P. 57.
29 SALGADO, Plínio. Salvemos a democracia! In: SALGADO, Plínio. Ob. Cit. P. 90.
30 TRINDADE, Hélgio. Ob. Cit. P. 177, 178.

Como já observara Cassiano Ricardoao falar sobre as variações do homem cordial: "

Depois do entrevero, o vencedor chora no ombro do vencido"...[31]

Anos depois da primeira edição de *Raízes do* Brasil, Sérgio Miceli viria a endossar as observações de Sérgio Buarque de Holanda. SegundoMiceli, as principais lideranças integralistas eram figuras que se beneficiavam da ordem oligárquica que havia entrado em colapso após 1930 e, sobretudo, após 1932. Percebendo, após a derrota da Revolução Constitucionalista de 1932, que seus antigos patrões da oligarquia não mais voltariam ao poder, eles passaram a recorrer a estratégias a fim de se acomodar ao novo jogo de forças:

> Assim como as cisões políticas surgidas no interior da oligarquia haviam alterado drasticamente as modalidades de colaboração dos intelectuais com o poder mesmo antes de 1930, não há dúvida de que as tentativas da oligarquia no início dessa década com vistas a recuperar o poder central estão na raiz de uma série de empreendimentos culturais em âmbito regional e do surto de organizações "radicais" de direita a que se filiaram diversos jovens, políticos e intelectuais desejosos de escapar por essa via ao destino de seus antigos patrões da oligarquia.[32]

Sendo assim, a acolhida que o integralismo teve em certos setores da sociedade foi tanto maior quanto maior era o desânimo desses setores com a crise da ordem oligárquica – ordem essa da qual colhiam frutos. Com a derrota das oligarquias sacramentada em 1932, muitos desses intelectuais encontraram nos programas de extrema-direita a "redenção" da ordem burguesa.[33] Com Gustavo Barroso não era diferente. Seu cargo de dirigente do MHN havia sido concedido pelo presidente Epitácio Pessoa, e foi como representante do governo de Epitácio Pessoa que ele atuou na delegação brasileira em Versalhes. A Revolução de 1930 mostrou-se problemática para o autor devido ao seu apoio à candidatura de Júlio Prestes, de modo que ele acabou destituído da liderança do MHN entre 1930 e 1932. Porém, dadas as incertezas políticas do período, Barroso conseguiu se reacomodar à nova situação, elegendo-se presidente da ABL em 1932, e retornando, naquele mesmo ano, à chefia do MHN.[34]

---

[31]RICARDO, Cassiano. *O homem cordial* (e outros pequenos estudos brasileiros). Rio de Janeiro: MEC – Instituto Nacional do Livro, 1959 (Biblioteca de divulgação cultural, série A – XXIII). P. 41.

[32] MICELI, Sérgio. Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1045). In: MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras/Fundação Biblioteca Nacional, 2001. P. 78.

[33] Idem. P. 133, 134.

[34] SILVA, Arthur da. Gustavo Barroso: aproximações conceituais da AIB e o MHN (1933-1937). *Anais da XXIX Semana de História da UFJF*: Monarquias, repúblicas e ditaduras: entre liberdades e igualdades. 14-18 maio 2012. P. 443, 444.

O próprio integralismo, portanto, trazia consigo, assim como a cordialidade, resquícios da ordem agrária. Marilena Chauí observa que o integralismo dirigia seu discurso às camadas médias urbanas brasileiras, convocando-as para exercer um papel de vanguarda em seu projeto.[35] Porém, tais camadas médias, ao contrário do que se acreditou por muito tempo, não eram hostis ao jogo de poder da República Oligárquica, chegando, muitas vezes, a se beneficiar dele. Como bem observou Paulo Sérgio Pinheiro, a urbanização e a constituição dos setores médios no Brasil se deram à sombra da estrutura agrário-exportadora, de modo que as camadas médias urbanas nem sempre foram elementos anti-oligárquicos.[36]Posição semelhante apresenta Roney Cytrynowicz:

> Vários estudos mostram que a formação da indústria no Brasil foi uma extensão do sistema cafeeiro, cujos capitais excedentes eram investidos na indústria, mas de forma que a industrialização estivesse totalmente acoplada e subordinada ao capital cafeeiro. A passagem desses capitais para a indústria foi feita sob controle do sistema oligárquico exportador.[37]

Sendo assim:

> (...) as classes médias usufruíam da expansão econômica e dos cargos, mas de forma subordinada na estrutura de poder. Apesar das aspirações reformistas, esta classe não produziu um projeto político autônomo. Tem-se assim o quadro das classes médias num Estado cuja política não era dirigida a estas classes, mas cuja expansão propiciava cargos e ascensão social.[38]

Aceitando que no Brasil as chaminés das indústrias se ergueram à sombra dos cafezais, as camadas médias brasileiras se viam, diante da modernização, em uma situação análoga àquela das camadas médias alemãs do fim do século XIX: mais acostumadas com formas menos racionalizadas de vida e ainda pouco integradas à urbanização e ao mundo capitalista.[39]O integralismo, portanto, foi um movimento cujos membros vinham em grande parte da classe média. Tal classe média nem sempre foi afeita a mudanças no jogo de poder da Primeira República, sendo que vários dos seus anseios acabaram desaguando no discurso integralista.

Como já vimos, a cordialidade de que nos fala Sérgio Buarque de Holanda foi um dos muitos exemplos de como esse conflito entre formas modernas e formas tradicionais de vida se manifestou. Nos escritos de Gustavo Barroso, achamos traços fortes desse aspecto cordial do homem brasileiro. Profundo admirador de Hitler e Mussolini, bem como de tantos outros movimentos e regimes fascistas que emergiam na Europa do entre guerras, Gustavo Barroso

---

35 CHAUI, Marilena de Souza. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: CHAUI, Marilena de Souza. FRANCO, Maria Silvia Carvalho. *Ideologia e mobilização popular*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985 (CEDEC / Paz e Terra;v.3). P. 53-55.
36 PINHEIRO, Paulo Sérgio, citado por CHAUÍ, Marilena de Souza. Ob. Cit. P. 62.
37 CYTRYNOWICZ, Roney. Integralismo e antissemitismo nos textos de Gustavo Barroso na década de 1930. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de História da FFLCH-USP, 1992. P. 144.
38 Idem. P. 147.
39 BLOCH, Ernst citado por HERF, Jeffrey. Ob. Cit. P. 35, 36.

expressa sua cordialidade até mesmo quando descreve a ascensão do fascismo na Itália e na Alemanha:

> Atentai, depois, na grande revolução fascista e na grande revolução hitlerista, que mudaram completamente os destinos da Itália e da Alemanha, que alastrarão o mapa das nações e modificarão a face político-social do planeta; atentai e vereis que nem em Roma, nem em Berlim ninguém foi fuzilado, metralhado, afogado ou executado de qualquer outra forma por ordem dos vencedores. Excetuando alguns tiroteios e lutas de rua em que tombaram algumas dezenas de vítimas de lado a lado, friamente, conscientemente, nenhuma gota de sangue se derramou.[40]

O trecho acima é de 1933, e expressa bem o que Cassiano Ricardo quis dizer ao relatar que “Violências, ditadura e quejandas invenções da força são flores rubras que não vicejam, absolutamente, em nosso clima moral”.[41] Ao expressar sua admiração pelo fascismo italiano e pelo nacional-socialismo alemão, Barroso faz questão de ressaltar o caráter pacífico dessas doutrinas, deixando de lado outros de seus aspectos que poderiam comprometer tal avaliação. O integralismo, como é sabido, se apresentava como a única saída viável ao liberalismo e ao comunismo. Sendo assim, Barroso vislumbra, na ascensão de Hitler e Mussolini ao poder, um marco fundador para movimentos fascistas de todas as partes do mundo. Diferente, porém, da Revolução Francesa e da Revolução Russa, o fascismo teria conseguido se alçar ao poder de forma pacífica, sem derramamento de sangue, o que conferiria a essa doutrina um grande diferencial em relação aos seus rivais.

Como bem observa Chasin, a pequena burguesia que engrossava as fileiras de camisas-verdes “não nasceu da luta, nem pela luta tem fascínio”. Longe disso, o que mais a amedronta é “a própria luta, posta que está entre o temor pelo forte que lhe deu a vida, e o terror pelos de baixo que podem vir a toma-la”.[42]Assim, nada mais atraente para essa pequena burguesia acovardada do que um projeto político que não carregasse consigo o legado de guilhotinas e gulags. Ao medo do acirramento de conflitos políticos e sociais, a pequena burguesia reacionária brasileira reagia com a cordialidade, a busca por um caminho menos tormentoso e violento, evidenciando aquilo que Cassiano Ricardo observou ao dizer que “O tipo de mediador nunca deixou de existir nos menores atos, nos mais obscuros momentos de nossa formação social, racial, política. Nosso atavismo mediador continua vivo”.[43]

Sendo assim, nosso autor declara:

---

40 BARROSO, Gustavo. *O integralismo em marcha*. Rio de Janeiro: Schmidt, 1933. P. 92, 93.
41 RICARDO, Cassiano. Ob. Cit. P. 36.
42 CHASIN, José, citado por RAGO FILHO, Antônio. Ob. Cit. P. 18.
43 RICARDO. Cassiano. Ob. Cit. P. 32.

> Mais horrendo que o fantasma das discórdias civis, se ergue o espectro da guerra das classes. Ao embate das contradições, o nosso país corre para o naufrágio. Só a mocidade, que é o futuro, lhe resta como tábua de salvação, somente ela é capaz de renová-lo, como, ao som da *Giovinezza*, reformou a Itália, concertou Portugal e redimiu a Alemanha.[44]

Temendo, portanto, a desagregação do Brasil por conta de regionalismos separatistas (fomentados pelo liberalismo político) ou ódios de classes (fomentados pelo comunismo), Barroso enxerga, no fascismo, a única esperança para remediar as lutas fratricidas que grassavam pelo país e ameaçavam dividi-lo, além de depositar na juventude a esperança de que tal luta fosse levada a cabo. Por isso o autor se refere à *Giovinezza*, hino cantado pelos fascistas durante a Marcha Sobre Roma,[45] a fim de ressaltar que, da mesma forma que a Marselhesa inspirou liberais e a Internacional motivou comunistas, a *Giovinezza*haveria de guiar os fascistas ao redor do mundo.

Além disso, da mesma maneira que o liberalismo foi a doutrina predominante no século XVIII e o comunismo marcara o século XIX, o século XX seria o século do fascismo, pois só ele teria conseguido uma visão completa da realidade, não se deixando levar pelos unilateralismos do liberalismo (que só reconhecia o homem político) e do marxismo (que só reconhecia o homem econômico).[46] Portanto, o autor escreve:

> Com o vapor e o gás de iluminação, o século XIX só podia ver tudo por partes. Daí em todos os sentidos o seu prurido de análise herdado do século XVIII. Seu maior erro, porém, foi acreditar e esforçar-se por convencer que possuía visão totalitária dos fenômenos. Ao século XX caberia a glória das doutrinas e concepções integrais, de maneira que a luta do Integralismo contra o Liberalismo do século XVIII e o Comunismo do século XIX é simplesmente a da mocidade contra a velhice, do presente que visiona o futuro contra o passado, da vida contra a morte.[47]

O integralismo só conseguiria atingir o poder por meio de uma revolução. Tal revolução, assim como as revoluções nacional-socialista na Alemanha e fascista na Itália, não teria caráter violento, além de não ser, também, de cunho social, econômico ou classista. Por isso o autor escreve que "O Integralismo não quer fazer ir pelos ares a velha máquina da sociedade para pôr em seu lugar outra inteiramente nova. Ele quer desmontá-la, substituir as peças usadas e articular as ainda boas em outro sistema de movimentos".[48] Longe de instigar o ódio entre as classes, Barroso elege um sujeito revolucionário que não se identificaria com

44 BARROSO, Gustavo. *O integralismo em marcha*... P. 9.
45 Evento no qual os camisas-negras de Mussolini ascenderam ao poder em 1922.
46 "(...) o indivíduo (...) é um instrumento capaz de produzir várias melodias e não somente capaz de deveres cívicos, como o homem liberal, ou de satisfazer necessidades materiais, como o homem-econômico". BARROSO, Gustavo. *O integralismo de norte a sul*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934. P. 49.
47 BARROSO, Gustavo. *O integralismo de norte a sul*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934. P. 45.
48 Idem. P. 53.

uma classe específica: os intelectuais. É isso o que permite ao autor dizer que, "No duelo travado entre burgueses e operários, os verdadeiros intelectuais entram com uma terceira forma de justiça social". O autor então conclui: "Eis porque a nós intelectuais cabe a maior responsabilidade na criação do Brasil Novo", e conclama: "intelectuais do mundo inteiro, uni-vos!...".[49]Assim, elegendo um sujeito revolucionário que transcendia as classes, o integralista cearense endossava o diferencial da revolução integralista diante de outros projetos que também se diziam revolucionários. Como nos mostra Eliana Dutra, no espectro político do Brasil dos anos 1930, comunistas e anticomunistas frequentemente se aproximavam em muitos pontos. A crítica ao latifúndio, ao burguês, ao capitalismo e ao imperialismo, típica do discurso comunista,[50] não era menos marcante nos escritos integralistas, especialmente em se tratando de Gustavo Barroso. Dessa maneira, ao propor uma revolução livre de excessos, caracterizada apenas por uma "revolução interior ou subjetiva" que só em um segundo momento se converteria em uma "revolução exterior ou objetiva"[51], o autor diferencia a proposta revolucionária integralista daquela situada em outros campos do espectro político.

A fim de evitar que tal revolução fugisse do controle, era necessária justamente a participação dos intelectuais, de modo que Barroso enuncia que "O Integralismo é a revolução cientificamente dirigida", isto é, conduzida pelos "pensadores, homens de ciência, artistas, escritores e poetas",[52] responsáveis por coibir eventuais excessos. Tem-se, portanto, uma revolução moderada, conciliadora. Em outras palavras, uma "revolução cordial".

Como já observamos acima, integralismo e nacional-socialismo guardavam algumas diferenças importantes. Amparando-se no estudo de José Chasin, Antônio Rago Filho observa que a doutrina do sigma representou os temores de uma pequena burguesia amedrontada diante da marcha da modernização que grassava pelo país. Segundo o autor, enquanto o nacional-socialismo alemão e o fascismo italiano orientavam seu anticomunismo e seu antiliberalismo para um nacionalismo agressivo e expansionista, no integralismo esses elementos mobilizavam um nacionalismo defensivo, "como meio de proteção da família pequeno-burguesa, ameaçada pela lógica imanente à acumulação ampliada do capital".[53]Assim, fiel ao teor cordial de seu discurso, Barroso se bate pela família, atentando para a necessidade de protegê-la não apenas das perversões do liberalismo capitalista, mas também do comunismo. Ambos – liberalismo e comunismo – seriam armas judaicas para a

49 Ibidem. P. 41, 45, 108.
50 DUTRA, Eliana Regina de Freitas. Ob. Cit. P. 109, 381.
51 BARROSO, Gustavo. *O quarto império*. Rio de Janeiro: livraria José Olympio, 1935. P. 148.
52 BARROSO, Gustavo. *O integralismo de norte a sul*... P. 54, 108.
53 RAGO FILHO, Antônio. Ob. Cit. P. 27.

dominação universal. Por meio do individualismo o liberalismo teria impulsionado o desenvolvimento capitalista, fomentando a aquisição de bens e a consequente busca pelo dinheiro, que se tornou um fim em si. O predomínio das relações monetárias teria abolido os laços familiares e os vínculos com a propriedade.[54] Na tentativa de aplacar as angústias das massas, os mesmos judeus teriam se valido da insatisfação popular para lançar o povo no turbilhão do comunismo, que seria igualmente nefasto, uma vez que buscava "tirar ao proletariado todos os seus esteios morais: disciplina, hierarquia, família, pátria e Deus, para escraviza-lo de vez ao mais grosseiro materialismo".[55]O antissemitismo barrosiano, portanto, também tem uma forte conotação cordial, preocupado que se mostra em preservar os laços familiares frente à marcha implacável do industrialismo:

> A civilização industrial dos nossos dias, dando à máquina mais valor do que ao homem, alheiando-se [sic] dia a dia do sentido telúrico dos povos, só pode considerar o homem, por muito favor, uma máquina sem família, sem pátria e sem Deus, com estômago para viver no trabalho e com sexo, para reproduzir outras máquinas. Ao camponês o comunismo dá uma consideração fictícia e uma atenção limitada. A exploração dos campos far-se-á em grande escala, por meio de super-maquinismos, super-tratores, etc.[56]

Em Gustavo Barroso, portanto, também encontramos aquilo que José Chasin havia diagnosticado no integralismo de Plínio Salgado: a crença na "vocação agrária" do Brasil, graças à fatalidade de suas condições geográficas,bem como uma grande preocupação em se desenvolver o setor agrícola do país (única esperança para que o Brasil se tornasse uma grande potência econômica), aliada a pouca ou quase nenhuma preocupação com o setor industrial.[57]Além disso, o integralista cearense assegura que "Na organização do Estado Integral Brasileiro, o problema da terra, abandonado pelo nosso liberalismo de fancaria, será atacado como deve ser. E a sua resolução fará do Brasil *o celeiro do mundo*".[58]

Dessa maneira, o integralismo de Gustavo Barroso se nos apresenta como umdos últimos suspiros do homem cordial,"esse pobre defunto" com o qual Sérgio Buarque de Holanda lamenta já ter gastado muita cera.[59]Esse "fascismo cordial", apoiado, como já vimos, por muitos setores ligados às elites oligárquicas alijadas do poder em 1930, agarrava-se aos

---

[54] MAIO, Marcos Chor. *Nem Rotschild nem Trotsky* (o pensamento antissemita de Gustavo Barroso). Rio de Janeiro: Imago, 1992. P. 125, 126.
[55] BARROSO, Gustavo. *Brasil, colônia de banqueiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936. P. 194.
[56] BARROSO, Gustavo. *A palavra e o pensamento integralista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935. P. 79.
[57] CHASIN, José. Ob. Cit. P. 103, 145.
[58] BARROSO, Gustavo. *A palavra e o pensamento integralista*... P. 80 (grifo nosso).
[59] HOLANDA, Sérgio Buarque de. Carta a Cassiano Ricardo. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1956 (Coleção Documentos Brasileiros, 1). P. 313-314.

resquícios dos valores da família patriarcal e da ordem rural, brandindo o tacape dos valores afetivos diante da marcha avassaladora do capitalismo frio e impessoal:

> A legislação das Sociedades Anônimas concebida para permitir ao pequeno capital de colaborar mais facilmente com o trabalho na obra de produção, tornou-se um instrumento legal de ladroeiras e pilhagens. (...) É tempo que a finança cesse de ser um instrumento de destruição da propriedade dos econômicos: é tempo que cesse de exercer sobre tudo e sobre todos uma tirania impessoal que escapa ao controle, para ser reconduzida ao seu papel normal: servir a produção, e não a dominar.[60]

Os escritos de Barrosorepresentavam apenas um dos exemplos do que Sérgio Buarque de Holanda dizia ao observar, nos anos 1930, queainda eram frequentes os focos de resistência ao processo de substituição dos laços de sangue e afeto por princípios abstratos e impessoais. Segundo o autor de *Raízes do Brasil*, esses focos residiriam em diversos círculos, especialmente no círculo familiar, sendo que um importante desdobramento "da supremacia incontestável, *absorvente, do núcleo familiar* (...) está em que as relações que se criam na vida doméstica sempre forneceram o modelo obrigatório de qualquer composição social entre nós"[61].

O melhor exemplo dessa supremacia da família no pensamento integralista de Gustavo Barroso emerge no momento em que o autor diferencia o integralismo no nacional-socialismo alemão e do fascismo italiano. Para Barroso, "As Corporações na Itália e na Alemanha refletem o Estado; no Brasil, produzem o Estado". Em outros termos, a organização do Estado integralista partiria das famílias, ao passo que na Alemanha nazista e na Itália fascista o impulso partiria de cima: o governo organizaria tudo, até o âmbito familiar.[62]Assim, Barroso defende um Estado que fosse um reflexo do ambiente familiar, e não um Estado que interferisse no ambiente familiar. No Manifesto de Outubro de 1932, documento que fundou a AIB, também é possível ver o Estado como a expressão da família, bem como uma censura a quaisquer pretensões desse Estado a interferir nesse círculo. Diz o Manifesto que "O Homem e sua família precederam o Estado" e "O Estado mesmo é uma grande família, um conjunto de famílias". Lê-se, ainda, no Manifesto:

> Tão grande a importância que damos às Classes Produtoras e Trabalhadoras, quanto a que damos à Família. Ela é a base da felicidade na terra. Das únicas venturas possíveis. Em que consiste a felicidade do homem? Nessas pequeninas

60 BARROSO, Gustavo. *O integralismo e o mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936. P. 100.
61 HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*, 1936... P. 100, 101.
62 BARROSO, Gustavo. *O integralismo e o mundo*... P. 18.

> coisas, tão suaves, tão simples: o afago de uma mãe, a palavra de um pai, a ternura de uma esposa, o carinho de um filho, o abraço de um irmão, a dedicação dos parentes e dos amigos. Solidariedade no infortúnio, nas enfermidades, na morte, *que nenhum Estado, na sua expressão burocrática ou jurídica, jamais evitará, em nenhum tempo.*[63]

Diferente, portanto, dos Estados totalitários, nos quais o aparato estatal buscava penetrar profundamente até as raízes mais profundas da sociedade civil, o Estado integralista faria o caminho inverso, com a família penetrando o aparato estatal. O totalitarismo, segundo Hannah Arendt, é uma forma de domínio cuja grande inovação teria sido a capacidade de isolar o homem não só em relação à vida pública, mas também em relação aos grupos e instituições que permeiam sua vida privada, abolindo assim a existência autônoma de qualquer atividade. Já Zbigniew K. Brzezinski e Carl J. Friedrich ressaltam a capacidade do totalitarismo de penetrar na sociedade com uma força nunca antes vista em outras formas de governo, de modo que "a associação da penetração total do corpo social através de uma mobilização permanente e total" aliada à "intensificação até um grau máximo, sem precedentes na história, desta penetração-mobilização da sociedade" teriam conferido ao domínio totalitário sua singularidade.[64]Diante dessas definições, vê-se que a proposta integralista passava longe de um Estado totalitário. Propunha-se justamente o contrário. Esse "totalitarismo às avessas" demonstra mais uma vez como a cordialidade permeou o discurso barrosiano.

Essa indistinção cada vez maior das fronteiras entre o público e o privado, tão característica do homem cordial, era sustentada pelo nacionalismo. Segundo Eliana Dutra, o apelo ao sentimento nacionalista e patriótico tinha como grande trunfo diluir a diferença entre o público e o privado, buscando-se na nação a segurança, a proteção e conforto originalmente encontrados junto à família e ao lar. Assim, o patriotismo implicava em um retorno imaginário à segurança da família e da infância.[65] Tão importante era o nacionalismo para Gustavo Barroso que ele proclama:

> Respondendo ao grito de Marx, no meado do século XIX, – "Proletários de todos os países, uni-vos!" ouve-se no século XX outro grito: – "Nacionalistas de todos os países, uni-vos!" Uni-vos na convicção de que o nacionalismo deste século (...) renovará a alma das velhas sociedades e trará ao universo a ideia duma ordem pacífica internacional.[66]

---

63 SALGADO, Plínio. Manifesto de outubro de 1932. In: SALGADO, Plínio. Ob. Cit. P. 26, 27 (grifo nosso).
64 STOPINO, Mario. Totalitarismo (verbete). In: BOBBIO, Norberto; MATEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (orgs.). *Dicionário de politica*. Brasília: UnB, 1986. P. 1248, 1249, 1251.
65 DUTRA, Eliana Regina de Freitas. Ob. Cit. P. 150.
66 BARROSO, Gustavo. *O quarto império*... P. 169.

Longe de advogar a superioridade de uma raça em especial, Barroso nutria, no ápice da agressividade dos fascismos europeus, a crença na união detodos nacionalistas do mundo em prol de um projeto comum.No campo do fascismo, esfera por excelência da competição e do conflito, o aspecto cordial do homem brasileiro desponta na proposta de um fascismo mediador, pacífico e conciliador, a ponto de conclamar todas as nações a se unirem. Algo bem distante, portanto, do sacro-egoísmo de Mussolini e do ceticismo de Alfred Rosenberg, ideólogo nazista para quem o confronto entre a raça ariana e os demais povos seria inevitável em um mundo dominado pela Alemanha.[67]Em *O mito do século XX*, Rosenberg diz que todo o estrangeiro deve ser rejeitado e, se preciso, combatido, já que ele seria um elemento destrutivo para o espírito ariano.[68]

A fim de ressaltar esse caráter amistoso e confraternizador do integralismo, Gustavo Barroso traça outra distinção entre a doutrina do sigma e os fascismos europeus. Enquanto esses últimos seriam marcados por um apelo a exclusivismos raciais, aquele teria substrato cristão e, consequentemente, universal. Nas palavras do autor:

> O Fascismo se enraíza na gloriosa tradição do Império Romano e sua concepção do Estado é cesariana, anti-cristã. O Estado nazista é também pagão e se baseia na pureza da raça ariana, no exclusivismo racial. Apoiado neste, combate os judeus. O Estado Integralista é profundamente cristão, Estado forte, não cesarianamente, mas cristamente, pela autoridade moral de que está revestido e porque é composto de homens fortes. (...) Combate os judeus, porque combate os racismos, os exclusivismos raciais, e os judeus são os mais irredutíveis racistas do mundo.[69]

Ademais, "o Integralismo está num ponto em que se não pode aproximar do Fascismo e do Nazismo sem perda de expressão; mas em que ambos podem evoluir até ele".[70] Ou seja: os exclusivismos raciais do nacional-socialismo e do fascismo nada mais seriam do que detalhes dos quais essas doutrinas deveriam se livrar para o seu próprio bem. Não menos notável nessa passagem é a forma pela qual o autor manifesta seu antissemitismo.Tem-se, aqui, um "racismo às avessas": ao invés de advogar a superioridade racial como justificativa para atacar os judeus, acusam-se os judeus de serem racistas e utiliza-se tal acusação como justificativa para ataca-los. O judeu, acusado de ser um povo cosmopolita, materialista e hostil aos valores familiares e cristãos, os quais tentava destruir lançando mão do capitalismo e do comunismo, é identificado por Barroso como uma ameaça internacional. Sendo o judeu um

---

67 BERTONHA, João Fábio. A questão da "Internacional Fascista" no mundo das relações internacionais: a extrema direita entre solidariedade ideológica e rivalidade nacionalista. In: *Revista brasileira de política internacional.* Volume 43, nº 1, p. 106, 109, jun/2000.
68 ROSENBERG, Alfred. The myth of the twentieth century. In: WEBER, Eugen. Ob. Cit. P. 155.
69 BARROSO, Gustavo. *O integralismo e o mundo*... P. 17.
70 Idem. P. 18.

perigo comum a todas as nações, a luta contra ele também deveria ser conjunta. Por isso a necessidade de todos os nacionalistas se unirem:

> O rol demonstra que não é só o Brasil a vítima do Super Eldorado Capitalista sem entranhas, mas o mundo inteiro. Daí a sua aflição, a sua inquietação, a sua angústia, o seu desespero. Está mergulhado num pego em que pululam as sanguessugas e estrebucha sugado por todos os lados na lama ensanguentada. Um dia, os povos compreenderão a verdadeira origem de todos os seus males e, então, as bichas vorazes e nojentas serão duramente castigadas...[71]

O nacionalismo de Barroso, portanto, tem caráter defensivo, assim como seu antissemitismo. Segundo Leandro Konder, o nacionalismo defensivo "não se afirma em contraposição à humanidade em geral e não nega os valores das outras nações".[72] Em contraste, portanto, com a "truculência desabrida e exasperada" dos fascismos europeus, Barroso defende um nacionalismo que "não é jacobinismo, nem xenofobia, mas justo predomínio dos interesses nacionais sem desconhecimento ou repulsa das legítimas interferências do mundo nos destinos da pátria".[73] Enquanto os nacionalismos europeus se batiam pelo predomínio de uma nação em detrimento das demais, o integralista cearense demonstrava toda a "lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade" do homem cordial ao elaborar um projeto que contemplasse todas as nações.

A cordialidade se manifestou de forma tão marcante na versão brasileira do fascismo que ele não só recusava a supremacia de uma classe, mas também de uma raça específica, confirmando os dizeres de Cassiano Ricardo, para quem "Em todos nós há uma tendência irresistível para apartar brigas, mesmo que isso importe em comprar brigas"[74]. Assim, até mesmo quando denuncia a prepotência dos judeus em se considerarem uma raça superior com direitos especiais,[75]Barroso o faz conclamando todas as demais raças nessa luta, estigmatizando nos Rotschild, poderosa família de banqueiros judeus, o inimigo comum a todos os povos e nações:

> O Brasil não será, porém, esmagado pela pata do urso moscovita a serviço dos Rothschilds*"etreliquae"*... O Brasil não quer ser mais uma COLÔNIA DE BANQUEIROS. O Povo Brasileiro não é preto, nem branco, nem vermelho, nem amarelo. É, simplesmente, o Povo Brasileiro. (...) Brancos, índios, negros, mestiços, hoje, todos, ó mandatários de Rotschild, só têm uma cor, a Cor Verde

---

71 BARROSO, Gustavo. *Brasil, colônia de banqueiros...* P. 76.
72 KONDER, Leandro. *Introdução ao fascismo*. Rio de Janeiro: Graal, 1977. P. 13.
73 BARROSO, Gustavo. *O integralismo de norte a sul...* P. 57.
74 RICARDO, Cassiano. Ob. Cit. P. 32.
75 "Os judeus consideram-se uma raça superior, destinada por Deus, segundo dizem os livros santos, a devorar os outros povos". "Diante dessas revelações sensacionais, creio que toda a gente compreenderá que o chanceler Hitler tomasse algumas medidas contra a Raça Superior, a fim de não acontecer à Alemanha o que aí se diz ter acontecido à França". BARROSO, Gustavo. *A palavra e o pensamento integralista...* P. 81, 87.

> de uma Camisa Gloriosa, e, vestidos com ela, todos vos varrerão do cenário nacional e da memória nacional (...)”.[76]

Tendo em vista que a cordialidade era o predomínio de valores da esfera privada, e, sobretudo, da esfera familiar sobre o cenário público, não poderíamos deixar de ressaltar a ênfase do discurso integralista na importância da família, que se encontraria sob uma dupla ameaça: o capitalismo e o comunismo. Somente o integralismo poderia salvar a família dessa dupla ameaça. Escreve o autor que:

> A humanidade moderna, materializada, amante dos gozos fáceis, envenenada por um povo errante que se não casa com a terra e prefere explorar o trabalho alheio, esqueceu o campo e não serão éclogas virgilianas que para ele farão voltar de novo os olhos deslumbrados pelas maravilhas do urbanismo, sua atenção tomada pela luz elétrica, o rádio, o cinema falado, o jornalismo sensacional, porém a fome, companheira inseparável, fatal, do comunismo, produzida pela desarticulação da economia do mundo, joguete do capitalismo internacional.[77]

Sérgio Buarque de Holanda já dizia que, à medida que o país se urbaniza, “o homem cordial se acha fadado provavelmente a desaparecer, onde ainda não desapareceu de todo”.[78] Assim, diante do deslumbramento e da confusão engendrados pela civilização industrial e pela urbanização, que trariam em seu bojo o conflito de classes e o comunismo, Barroso faz um apelo desesperado para a sobrevivência da família, defendendo-a de ser submersa pelas rápidas mudanças às quais o Brasil e o mundo dos anos 1930 assistiam. Aliada a essa defesa incondicional da família, encontra-se a defesa do primado da moral sobre as demais esferas da vida. Propõe-se, portanto, que o homem não seja movido nem pela razão (como quer o liberalismo) nem pela matéria (como quer o marxismo), mas que ambas essas facetas do homem sejam colocadas sob a autoridade da moral e do espírito. Para o integralismo, o verdadeiro homem é o homem integral: o homem espiritual-cívico-econômico.[79]

Barroso, portanto, buscava defender a família, a moral e a religião da desagregação engendrada pelo liberalismo, pelo marxismo e pelo judaísmo, e se desespera ao ver como os tradicionais valores familiares iam sendo aos poucos abandonados em prol de valores e ideias estranhas à realidade do país. As observações que ele tece sobre o carnaval à época são muito interessantes nesse sentido, pois mostram um dos muitos campos nos quais esses valores familiares estavam se desestruturando. Cobram-se, da mídia e das autoridades públicas, medidas no sentido de evitar o prosseguimentoda desmoralização dos festejos:

---

76 BARROSO, Gustavo. *Espírito do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936. P. 151-152.
77 BARROSO, Gustavo. *A palavra e o pensamento integralista...* P. 79-80.
78 HOLANDA, Sérgio Buarque de. Carta a Cassiano Ricardo... P. 313, 314.
79 BARROSO, Gustavo. *Espírito do século XX*...P. 213, 214.

> Competia à nossa imprensa, se ela não estivesse judaizada de alto a baixo, dirigir, por meio de útil propaganda, o Carnaval carioca *num sentido tradicional e mais decente*, influindo na organização dos préstitos, dos ranchos, na escolha das músicas, das canções, etc., de maneira a imprimir à folia carnavalesca, tanto quanto possível, o caráter que ela teve em outros tempos, espontaneamente. Competia aos poderes públicos, se enxergassem um palmo adiante de suas ambições galináceas, agir do mesmo modo e para idêntico fim. Entretanto, ambos, de mãos dadas, trabalham em sentido contrário e até já *mataram o inocente Zé Pereira da nossa meninice*, a fim de que ficasse sozinho em campo Sua Majestade o Rei Momo, que vem da "estranja", talvez dum gueto ou Kahal, e desembarca no cais do Porto como um Rotschild conquistador...[80]

Contrastando com esse cenário de agonia e desolação, aparece a esperança integralista: "Pobre Zé Pereira dos nossos distantes, alegres e puros carnavais de criança, espera mais um pouco e nós te iremos buscar para expulsares de vez o Momo Judaico, ao mesmo tempo em que substituiremos este regime de confusão por um regime de ordem!".[81] Eis aqui um exemplo do que Sérgio Buarque de Holanda afirma ao escrever que o fascismo no Brasil reduziu-se a "pobres lamentações de intelectuais neurastênicos"...[82]

Tendo em vista que "Nosso século sofre de uma moléstia que o clamor público resolveu denominar 'crise mundial'" e que o urbanismo é uma das causas dessa moléstia,[83] a revolução integralista deveria partir do campo, pois lá estariam homens humildes, explorados e abandonados:

> Esses homens rudes e descalços vivem em permanente contato com a terra brasileira, vivem familiarmente com o chão, o rio, a grota, a serra, a mata verde, o céu azul rendilhado de nuvens brancas, o céu negro pontilhado de pingos de luz. (...) E os seus pés rachados pelo calor ou pelo frio como a lama dos massapés, riscados de talhos pelas arestas vivas das pedras, crivados de furos dos estrepes, cozidos de cicatrizes, muitas vezes até mordidos de cobra, pés, que são o obscuro poema dum herói silencioso dos sertões, pisam o chão do Brasil dia e noite, em pleno campo, em plena estrada, em plena casa, porque as habitações são de terra batida.[84]

O autor, portanto, expressa um grande saudosismo em relação ao Brasil rural, onde residiriam, segundo ele, as raízes da brasilidade. Essa valorização do homem do campo foi tão forte que até uma triste figura da literatura nacional é reanimada junto com o injustiçado Zé Pereira:"Camisas-Verdes, vós sois a vingança da Terra Brasileira, *vós sois a reabilitação do Jeca sugado pelo parasitismo judaico*, vós sois uma força telúrica insopitável e implacável, vós sois a floresta que caminha e que tudo esmaga à sua passagem!".[85]

---

80 BARROSO, Gustavo. *A palavra e o pensamento integralista...* P. 139 (grifo nosso).
81 Idem. P. 140.
82 HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*, 1936... P. 159.
83 BARROSO, Gustavo. *A palavra e o pensamento integralista...* P. 172.
84 BARROSO, Gustavo. *Espírito do século XX...* P. 168-170.
85 BARROSO, Gustavo. *A palavra e o pensamento integralista...* P. 70 (grifo nosso).

Como bem observa Marilena Chauí, essa é uma das grandes crises que o integralismo diagnostica no Brasil: o antagonismo entre um Brasil sertanejo, do interior, que é o Brasil essencial e concreto, e outro Brasil liberal, artificial, litorâneo. O primeiro seria impedido de se desenvolver plenamente graças às pressões do segundo. A revolução preconizada pelos integralistas seria guiada pela inteligência litorânea, mas essa revolução partiria do campo para a cidade, de modo que "a missão do partido é civilizadora em duplo sentido: leva ao sertão a verdade e traz do sertão a nação".[86] Para citar palavras de nosso autor: "O espírito bandeirante guardado no fundo dos sertões acorda e reconquista o que deixou para trás nas mãos infiéis do cosmopolitismo do litoral". Há, portanto, uma missão: "Nós, Integralistas, somos os Anhangueras redivivos que retornam da Grande Peregrinação!".[87]

5. Conclusões

Concordando com Ribeiro Couto, Sérgio Buarque de Holanda declara que a contribuição brasileira para a civilização seria a cordialidade.[88]Essa cordialidade era um aspecto tão forte do brasileiro que nem mesmo o fascismo aqui desenvolvido lhe escapou, desapegando-se do chauvinismo e da arrogância que tanto colorido haviam emprestado aos fascismos europeus e culminando em um grande chamado pela solidariedade entre os nacionalistas do mundo. Como mostramos ao longo desse artigo, Gustavo Barroso expressou, em seus escritos integralistas, muitos dos lamentos e aflições desse homem cordial de que nos fala Sérgio Buarque de Holanda. A defesa da família e dos seus valores contra a desagregação gerada pela urbanização, o primado da moral sobre o material e o racional, o retorno à terra e a hostilidade à industrialização, a valorização do homem do campo, o desprezo pela civilização urbana do litoral e a defesa de um Estado que fosse uma projeção do ambiente familiar são todos elementos encontrados no pensamento do integralista cearense que nos permitem interpreta-lo como um dos últimos lamentos do homem cordial. É claro que seria de maior interesse uma pesquisa que pudesse identificar traços dessa cordialidade nos textos de outros grandes ideólogos integralistas, como Miguel Reale, Olbiano de Melo e o chefe nacional, Plínio Salgado. Esperamos que esse artigo tenha contribuído nesse sentido.

Com o golpe de 10 de dezembro de 1937, a AIB foi fechada. Diferente, porém, dos comunistas, os integralistas não sofreram tantonas mãos do Estado Novo. Gustavo Barroso

86 CHAUÍ, Marilena. Ob. Cit. P. 132, 133.
87 BARROSO, Gustavo. *A palavra e o pensamento integralista*...P. 15.
88 HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*, 1936... P. 101.

foi, talvez, a figura menos molestada pelo novo regime, reassumindo a direção do Museu Histórico Nacional e seguindo sua vida intelectual como membro ativo da Academia Brasileira de Letras. Getúlio Vargas ofereceu a Plínio Salgado a vaga de ministro da educação, ao que o amargurado chefe integralista declinou, embora posteriormente pedisse, sem sucesso, que a pasta ficasse com Gustavo Barroso.[89]Apesar da grande admiração que Barroso e tantos outros integralistas nutriam pelo fascismo (admiração essa que nunca foi totalmente compartilhada por Plínio Salgado), quando o Brasil declara guerra às potências do eixo, os integralistas não hesitam em demonstrar seu apoio ao presidente que os havia abandonado.Entre os abaixo-assinados do telegrama no qual os integralistas se diziam dispostos a se sacrificar "sem distinção de classe ou idade, pela soberania nacional", encontramos ninguém mais, ninguém menos que o próprio Gustavo Barroso.[90] Ao fim e ao cabo, o destino fatídico do integralismo, selado pelo Estado Novo, acabaria confirmando a profecia de Sérgio Buarque de Holanda, para quem "o 'integralismo' será, cada vez mais, uma doutrina acomodatícia, avessa aos gestos de oposição que não deixam ampla margem às transigências, e partidária sistemática da Ordem, quer dizer do poder constituído".[91]

Referências Bibliográficas

BARROSO, Gustavo. *A palavra e o pensamento integralista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

______. *Brasil, colônia de banqueiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

______. *Espírito do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

______. *O integralismo de norte a sul*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.

______. *O integralismo e o mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

______. *O integralismo em marcha*. Rio de Janeiro: Schmidt, 1933.

______. *O quarto império*. Rio de Janeiro: livraria José Olympio, 1935.

BERTONHA, João Fábio. A questão da "Internacional Fascista" no mundo das relações internacionais: a extrema direita entre solidariedade ideológica e rivalidade nacionalista. In: *Revista brasileira de política internacional.* Volume 43, nº 1,jun/2000.

CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. Gustavo Barroso, enfim, soldado da farda verde. *X Encontro Regional de História* (ANPUH – RJ): História e biografias. UERJ, 2002.

89 LEVINE, Robert M.. *O regime de Vargas* (os anos críticos, 1934-1938). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. P. 250, 257.

90 SALGADO, Plínio. Na declaração de guerra do Brasil às potências do eixo. In: SALGADO, Plínio. Ob. Cit. P. 183.

91 HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 14ª edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora (Coleção documentos brasileiros,1), 1981. P. 141.

CAZETTA, Felipe Azevedo. Integralismo e fascismos: exposições entre diferenças e semelhanças. In: *Temporalidades* (Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG). Belo Horizonte, volume 2, Nº 1, jan/jul, 2010.

CHASIN, José. *O integralismo de Plinio Salgado* (forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio). 2ª edição. Belo Horizonte: Una Editoria; São Paulo: Estudos e Edições Ad Hominen, 1999.

CHAUI, Marilena de Souza. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: CHAUI, Marilena de Souza. FRANCO, Maria Silvia Carvalho. *Ideologia e mobilização popular*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985 (CEDEC / Paz e Terra; v.3).

CYTRYNOWICZ, Roney. Integralismo e antissemitismo nos textos de Gustavo Barroso na década de 1930. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de História da FFLCH-USP, 1992.

DUTRA, Eliana Regina de Freitas. *O ardil totalitário* (imaginário político no Brasil dos anos 30). Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ; Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1997.

HERF. Jeffrey. *O modernismo reacionário* (tecnologia, cultura e politica em Weimar e no Terceiro Reich). São Paulo: Ensaio, Unicamp, 1993.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1936 (Coleção documentos brasileiros, 1).

______. *Raízes do Brasil*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1948. (Coleção documentos brasileiros, 1).

______. Carta a Cassiano Ricardo. In: ______. *Raízes do Brasil*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1956 (Coleção Documentos Brasileiros, 1).

______. *Raízes do Brasil*. 14ª edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora (Coleção documentos brasileiros, 1), 1981.

KONDER, Leandro. *Introdução ao fascismo*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

LEVINE, Robert M.. *O regime de Vargas* (os anos críticos, 1934-1938). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

MAIO, Marcos Chor. *Nem Rotschild nem Trotsky* (o pensamento antissemita de Gustavo Barroso). Rio de Janeiro: Imago, 1992.

MICELI, Sérgio. Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1045). In: MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras/Fundação Biblioteca Nacional, 2001.

PAXTON, Robert O..*A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

RAGO FILHO, Antônio. A crítica romântica da miséria brasileira: o integralismo de Gustavo Barroso. Tese de mestrado. São Paulo, PUC, 1989.

RICARDO, Cassiano. *O homem cordial* (e outros pequenos estudos brasileiros). Rio de Janeiro: MEC – Instituto Nacional do Livro, 1959 (Biblioteca de divulgação cultural, série A – XXIII).

ROSENBERG, Alfred. The myth of the twentieth century. In: WEBER, Eugen. *Varieties of fascism* (doctrines of revolution in the twentieth century). Princeton: D. van Nostrand, 1964.

SALGADO, Plínio. Carta de Natal e fim de ano. In: SALGADO, Plínio. *O integralismo perante a nação*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1950.

______. Manifesto de outubro de 1932. In: ______. *O integralismo perante a nação.* 2ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1950.

______. Na declaração de guerra do Brasil às potências do eixo. In: ______. *O integralismo perante a nação*. 2ª edição. Rio de Janeiro: LivrariaClássicaBrasileira, 1950.

______. Salvemos a democracia! In: ______. *O integralismo perante a nação*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1950.

SILVA, Arthur da. Gustavo Barroso: aproximações conceituais da AIB e o MHN (1933-1937). *Anais da XXIX Semana de História da UFJF*: Monarquias, repúblicas e ditaduras: entre liberdades e igualdades. 14-18 maio 2012.

STOPINO, Mario. Totalitarismo (verbete). In: BOBBIO, Norberto; MATEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (orgs.). *Dicionário de politica*. Brasília: UnB, 1986.

TRINDADE, Hélgio. *Integralismo* (o fascismo brasileiro na década de 30). São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1974.

WEBER, Eugen. *Varieties of fascism* (doctrines of revolution in the twentieth century). Princeton: D. van Nostrand, 1964.

ZAVERUCHA, Jorge. A questão do integralismo diante da herança fascista. In: *Revista Ciência e Tópicos*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1984.